

MULTITERRITORIALIDADE E MIGRAÇÃO: NORDESTINOS EM BOA VISTA (RR)

1 Multiterritorialidade do Migrante no Território: do local ao global

A discussão proposta nesse diz respeito ao conceito território, numa ‘abordagem integradora’, a partir da conjugação de forças das relações de produções interconectadas de articulações integradas pelos aspectos sociais (econômicos, políticos e culturais), no tempo e no espaço, analisando as possíveis distinções entre as noções de território e de territorialidade.

Nessa discussão a territorialidade é a dimensão simbólico-cultural do território, especialmente no que tange aos processos de identificação territorial, baseado nos estudos de Rogério Haesbaert (2004a, f. 10), que numa revisão teórica sintetizou formas da noção/conceito de territorialidade como abstrata, imaterial no sentido de que, enquanto “imagem” ou símbolo de um território, existe e pode inserir-se como uma estratégia político-cultural, mesmo que o território ao qual se refira não esteja concretamente manifestado.

Assim, há necessidade de esclarecer a que concepção de territorialidade ou a relação entre território e territorialidade nessa temática se refere a “multi” territorialidade do nordestino em Boa Vista / Roraima num sentido das dimensões funcional e simbólica, ou “vívida” do território, tenha ele existência concreta ou não, sempre mantendo as relações de poder, onde se percebe a riqueza das múltiplas territorialidades em que o migrante está mergulhado.

Neste sentido, propõem-se definir território a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, do poder mais material das relações econômico ao poder mais simbólico das relações de ordem mais cultural.

Então, dentro dessa multiplicidade territorial em que todos (e não só os migrantes) estão mergulhados, analisam-se os traços fundamentais que marca a exis-

* Prof.^a Dr.^a

tência de múltiplos territórios (do mais simbólico, com os sujeitos que o promovem - empresas, o Estado, grupos culturais -, e com níveis de intensidade da atuação do ‘poder’), a experiência cada vez mais intensa daquilo que Haesbaert denomina ‘multiterritorialidade’.

Portanto, o território só poderia ser concebido através de uma perspectiva integradora entre as diferentes dimensões sociais, pois segundo Haesbaert (2004b) estas são e estão relacionadas e, por isso, condicionam-se; são indissociáveis e o reconhecimento desta articulação se faz necessário para superar os limites impostos por cada abordagem feita isoladamente.

Assim, levando em conta as concepções de território concebidos por Haesbaert (2004b), pode-se afirmar que o homem está desde sempre vivendo numa multiterritorialidade, pelo menos no sentido de experimentar vários territórios [e/ou territorialidades] ao mesmo tempo (casa, bairros, cidade...), resultado do processo de apropriação e domínio de um espaço, cotidianamente.

Uma territorialização efetivamente múltipla, não é exatamente uma novidade, pelo simples fato de que, se o processo de territorialização parte do nível individual ou de pequenos grupos, toda relação social implica uma interação territorial, um entrecruzamento de diferentes territórios. Em certo sentido, teríamos vivido sempre uma “multiterritorialidade” (HAESBAERT, 2004b, p. 344).

Pode-se viver ao mesmo tempo ao nível da família, de um grupo, de uma nação. Existe uma multiterritorialidade no sentido mais tradicional, de pertencer, resultante de uma sobreposição lógica de territórios, hierarquicamente articulados, “encaixados” na vida cotidiana conforme os distintos poderes no “tempo-espaço” representado em espaços superpostos.

Lacoste (1988, p. 49), reconhece então as diferentes representações do espaço referidas à mobilidade mais restrita, cotidiana (em nível de bairro, cidade, deslocamentos de fim de semana); as configurações espaciais não-coincidentes das redes das quais dependem todos (redes administrativas, de comercialização, de influência urbana, financeiras); e as representações espaciais de mais ampla escala, veiculadas pela mídia e pelo turismo, e que freqüentemente abarcam o mundo no seu conjunto.

Todos tecem sua própria rede, ou melhor, seu(s) próprio(s) território(s)-rede(s) - que implicam, sem dúvida, assim, a vivência de uma multiterritorialidade, pois todo território-rede resulta da conjugação, em outra escala, de territórios-zona, descontínuos. Além disso, mais do que de superposição espacial, como enfatiza Lacoste (1988, p. 50), trata-se hoje, principalmente com o novo aparato tecnológico-informacional à disposição do homem, de uma multiterritorialidade não apenas

por deslocamento físico como também por “conectividade virtual”, a capacidade de interagir à distância, influenciando e, de alguma forma, integrando outros territórios.

Dessa forma, a migração é dos condutores de uma multiterritorialidade, onde as identidades adquiridas se fundem, surgindo novas concepções conceituais (sem perder a valorização das anteriores), que completam a dinamicidade. Assim os migrantes desenvolvem vínculos identitários com mais de um território ou com territórios de características globais, muito mais híbridas, “multiterritorializando-se”. Não há espaço produzido que não o seja através da cultura dos grupos que o constituem, seja no sentido de cultura como o conjunto de relações que os distinguem ou no sentido do que se refere à produção de significados, à dimensão simbólica.

A formação das redes de circulação e de comunicação contribui para o controle do e no espaço; elas agem como elementos mediadores da re-produção do poder da classe hegemônica e interligam o local, ao global, interferindo diretamente na territorialidade cotidiana dos indivíduos e grupos ou classes sociais. (HAESBAERT, 2004b, p. 79).

Enfim, para uma análise territorial, tem-se que ter uma visão de espaço como um híbrido entre sociedade e natureza, entre política, economia e cultura, e entre materialidade e “idealidade”, numa complexa interação tempo-espaço, onde o território pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, do poder mais material das relações econômicas ao poder mais simbólico das relações de ordem mais cultural (HAESBAERT, 2004b, p. 79).

Dessa forma, considerar o território como um lugar subjetivo, acrescenta algo mais, com dimensões que vão do físico ao mental, do social ao psicológico, em escalas diversas (do local ao global), pois há convergência de características misturadas (de comutação /disjunção, de comensalismo / simbiose, de dependência / apropriação). No centro da noção de território, encontram-se dois sentidos: o da “identidade”, a individualidade (a maneira particular), pois o território é um espaço diferente para cada sujeito que o compõe e o “temporal” através da evolução, das mudanças ao longo dos anos em uma localidade, uma nação que permanece substancialmente igual.

Há, portanto, uma acoplagem, um círculo dialético, dinâmico. E é este circuito em espiral que faz do território um lugar também subjetivo, onde a memória dos fenômenos culturais é e está expressa no espaço e que, como espaço produzido, é um território. A subjetividade, mesmo que em memória, modifica ou sugere um território distinto, particular; e o espaço, enquanto limite territorial fornece uma subjetividade estável, para que o tempo, que esboça (que é a base) o sujeito individual ou

coletivo, se exprima se transforme no lugar simbólico, na paisagem e no território, reproduzindo constantemente.

Assim, o espaço se multiterritorializa com ações num tempo histórico, com a sobreposição de identidades (híbridas), recriando num movimento constante, novas características aos territórios, tornando-os mais ‘comuns’ (portanto global), características estas, assimiladas por todos do lugar mesmo sem o deslocamento físico.

Partindo desse pressuposto, cada migrante ou grupo, em seus atos, celebra a identidade/subjetiva. As projeções espaciais de lembranças, reconstituídas no presente e nos diversos espaços anteriormente vividos (territórios) sustenta a memória tornando-o um sujeito híbrido e o espaço por esse produzido numa multiplicidade cultural.

O espaço é a oportunidade fornecida às memórias, pois coloca diante dos olhos coisas e sujeitos, oferecendo a possibilidade de repensar naquilo que os momentos vividos não permitiram, oferecendo uma espécie de regeneração interativa do tempo. O espaço é memória objetiva do futuro e interpreta um papel maior na formação de identidade num complexo contexto de multiterritorialidades contribuindo para a formação social do sujeito.

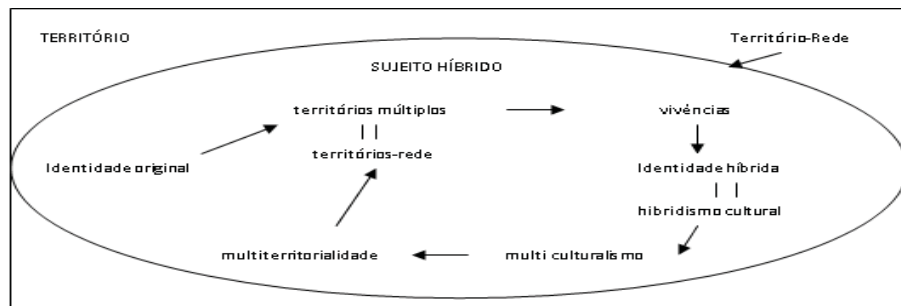
A partir da subjetividade (lembranças identitárias) e da objetividade do espaço (paisagens construídas que identificam o território), o sujeito enquanto migrante tem sua formação social sendo constantemente reformulada, que pode ser representada apenas no momento e espaço em que se encontra, pois a partir do instante que se segue no fluxo, esse passa a ter novas identificações, portanto outro território passa a se (re) formar e enquanto sujeito social, esse ainda se encontra em formação, pois novas cargas culturais serão justapostas às anteriores.

O território construído pelo migrante enquanto sujeito híbrido é (des) provido de uma identidade mestre, que logo de início já é híbrida pelo próprio fato de que o mundo cibernético (global) lhe assegura uma maior complexidade, mesmo sem se deslocar objetivamente do espaço, contudo essa identidade mestre (local), mesmo com novas relações impostas pela dinamicidade atual, tende a resistir a sua naturalidade (nata, própria).

Na percepção de múltiplos territórios (aqueles ainda não vividos, porém conhecidos pelos contatos cibernéticos), quando percorridos, vivenciados se arrumam se ajustam objetivamente, numa mescla de informações e imagens assimiladas e acopladas dinamicamente às anteriores, multidimensionando o poder de visão do sujeito (migrante). Mais uma vez, essa dinâmica contribui para a formação social do sujeito que sem perceber acumula identidades e reformula a sua, numa complexa teia de

redes sociais que se forma, complementando o contexto analisado (Gráfico 1).

Gráfico 1 - Formação social do sujeito enquanto migrante: o sujeito híbrido



Fonte: Vale, 2012, p. 118.

O sujeito híbrido possui concepções concretas e abstratas objetivas e subjetivas, com informações acumuladas tanto pelo hibridismo global como pelo aquele adquirido nas rotas dos fluxos. Assim, a multiterritorialização, envolve a criação de novos territórios pessoais ou coletivos, criando e defendendo várias formas de direitos permitindo que o migrante (mesmo em redes sociais) continue a se reproduzir.

Por todos os processos que o migrante passa, no decorrer da trajetória (Gráfico 1) carrega um conjunto de subjetividades adquiridas e acumuladas e que juntamente com a objetividade territorial (as paisagens construídas no espaço) formam o território muito mais significativo e cheios de perspectivas de uma estabilidade mais perene, formando, para si, território-rede, territórios múltiplos, na medida em que podem conjugar territórios zona (manifestados numa escala espacialmente mais restrita) através de redes de conexão (numa escala mais ampla).

2 Migração e Multiterritorialidade em Boa Vista/Roraima

Em Roraima, as territorialidades, segundo Barros (1998, p. 109), apresentam-se compostas por elementos diferenciados (grupos indígenas, fazendeiros, posseiros, Estado) que se foram superpondo, fundindo-se à sociedade nacional (provocando muitas tensões sócio-cultural-espaciais), com domínio de multiterritórios: Instituições federais como Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais (IBAMA), com reservas ecológicas; Fundação Nacional do Índio (FUNAI), com áreas indígenas com domínio territorial representando quase metade da superfície do Estado; Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), com os mais variados tipos de Projetos de Assentamento; além de Igrejas que fomentam a consolidação de áreas indígenas, ecologistas com áreas de preservação ambiental

criadas pelo Governo Federal, garimpeiros sobrepõem-se ao território indígena e a criação de novos municípios sobrepondo reservas ambientais e áreas indígenas.

O migrante é responsável pela mais recente territorialidade, principalmente em áreas urbanas, ocorrida em Roraima. É necessário que se reconheça que as ondas migratórias tendem a ser também impulsionadas pela integração territorial através das redes de comunicações e combinados a esses meios, existem as “redes de interação social”, através das quais as informações e o “sistema de apoio inicial” no lugar de destino são socializados entre os que migram (MASSEY, 1990, p. 162).

As “promessas” de acesso à propriedade da terra nas regiões de fronteira, como Roraima, foram embutidas numa ideologia migratória ilusória de ascensão social que muitas vezes tinha uma correspondência real; muitos migrantes conseguiam, de fato, ascender socialmente e só assim adquiria a força de uma ideologia motivadora e mobilizadora.

Além dos fatores de expulsão nas regiões de origem, a economia, com suas aceleradas taxas de crescimento e altíssima capacidade de geração de emprego, assim como a sociedade se modernizando criavam um amplo leque de oportunidades que, se não eram plenamente acessíveis a todos os migrantes, devido à seletividade, eram, de fato, reais e possibilitavam o êxito de alguns. Essa realidade, por certo, reforçava o sujeito a se estabelecer e firmar-se na terra nova.

É necessário levar em consideração a incipiente economia do Estado de Roraima, tendo em vista que os migrantes têm dificuldades de ingressar no mercado de trabalho. Os obstáculos encontrados pelo Estado, enquanto controlador do espaço aos mais diversos, pois este possui uma economia frágil, não conseguindo absorver toda a população migrante no mercado de trabalho, lembrando que o próprio Estado é o maior empregador.

O setor terciário (empresas comerciais e prestadoras de serviços) absorve pouca mão-de-obra, a média de pessoas efetivamente ocupadas por estabelecimento comercial em Boa Vista é de 4,05 (pessoas) segundo dados levantados pela Federação do Comércio de Roraima (FECOR/Roraima), vale ressaltar que o número de pessoas efetivamente ocupadas é independente de terem ou não vínculo empregatício (FECOR, 2000, f. 15).

A maioria da população migrante está inserida no mercado de trabalho, em atividade informal, tendo como alternativa a assistência do Estado que passa a assumir responsabilidades com essas famílias, tendo que dispor de recursos para reduzir os impactos sociais que possivelmente surgirão diante dessa nova realidade, pois se justifica primeiro pelo número reduzido de oferta de empregos e segundo, pela

exigência de uma qualificação do trabalhador (ensino médio completo e experiência de trabalho).

Nos anos de 1980, Roraima ainda tinha um fluxo migratório que se mantinha num nível constante, sem grandes alterações, não recebendo incentivos suficientemente fortes, pois ainda havia certo isolamento. Com a abertura da BR 174, com a homologação da constituição, com os projetos de assentamentos, entre outros fatores, a migração é promovida ora pelo capital para áreas urbanas, ora por incentivos públicos para áreas rurais nos assentamentos do INCRA e para frentes garimpeiras, e, por fim, consolidada pelas redes sociais entre parentes, amigos e conterrâneos que vivem em Roraima, assim conclui-se que esse fluxo migratório mais recente, não é espontâneo, pois há um conhecimento prévio com referencial constituído entre as redes formadas entre o Estado de Roraima e demais regiões brasileiras.

Roraima, com o passar dos anos, terá uma das populações mais mescladas do Brasil. Índios de várias tribos, garimpeiros de todas as regiões do Brasil, militares, pois esta é área de fronteira, colonos migrantes de todo o país. As características identitárias de todos estão sendo assimiladas, hibridizadas, compondo uma cultura que contribuirá na formação social do sujeito roraimense, que sem perceber acumula identidades e reformula a sua, numa complexa teia de redes sociais que se forma na pluralidade de culturas hibridizando o território e os sujeitos.

Números apresentados e usados pela Prefeitura Municipal de Boa Vista em programas sociais de assistência a população, coletados em 2001 e atualizados em 2003 através da Secretaria Municipal de Gestão Participativa e Cidadania com o Programa Braços Abertos, apresentava um total de 42 bairros e um conjunto habitacional, cadastrando um universo de 180.131 pessoas, num total de 50.156 famílias, em 47.908 domicílios visitados pelos pesquisadores. Para esta pesquisa, das 25 variáveis do referido programa, enumera-se somente os dados que dizem respeito à origem e à situação sócio econômica do chefe de família dos domicílios investigados. (BOA VISTA, 2001, 2003).

Do diagnóstico socioeconômico, dos moradores da cidade de Boa Vista, nas referidos áreas, foram cadastrados na pesquisa, 41.012 chefes de família economicamente ativos, onde apenas 10.978 destes são roraimenses (Quadro 1).

Quadro 1 - Chefes de família economicamente ativos residentes na área urbana de Boa Vista: naturalidade / 2003

Naturalidade	Total
Maranhão	12.458
Roraima	10.978
Pará	3.670
Amazonas	3.632
Ceará	2.806
Piauí	1.463
Paraná	574
Rio G. Norte	490
Paraíba	479
Pernambuco	449
Tocantins	427
Minas Gerais	413
São Paulo	403
Rio G. Sul	384
Goiás	352
Bahia	344
Rondônia	330
Rio de Janeiro	296
Acre	237
Mato G. Sul	187
Mato Grosso	176
Espírito Santo	131
Santa Catarina	99
Alagoas	87
Distrito Federal	72
Sergipe	41
Amapá	34
Total	41.012

Fonte: Adaptado de Vale, 2006, p. 256.

No que diz respeito à naturalidade dos chefes de família cadastrados na pesquisa, 2.325 não informaram a origem. Vale ressaltar que encontram-se representantes de todas as 27 unidades federativas do país na cidade de Boa Vista, com destaque para a presença do nordestino, principalmente maranhense.

3 Boa Vista: território de nordestino

Observando os dados da pesquisa anteriormente citada, foi detectada a presença de um grande número de nordestinos, tendo como destaque o Estado do Maranhão, com um total de 12.458 chefes de família maranhenses, superando o número de roraimenses (10.978), indicando a predominância destes na cidade.

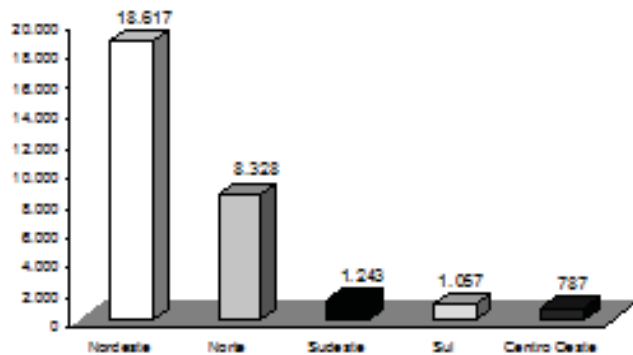
Considerando a naturalidade dos identificados nas 43 áreas urbanas da cidade de Boa Vista, pesquisadas pela Prefeitura Municipal de Boa Vista, é sensível a diferença entre o número de migrantes (30.034 chefes de família) para com o número de roraimenses (10.978 chefes de família). Vale ressaltar que as áreas aqui analisadas, são de ocupação recente, onde somente cindo áreas, a ocupação ocorreu anterior aos anos de 1980, portanto produção do espaço impregnada de territorialidades impostas recentemente.

Pela localização dos bairros, segundo a Secretaria Municipal de Gestão Participativa e Cidadania da Prefeitura Municipal de Boa Vista, Zona Oeste e Norte da cidade, há concentração de migrantes que necessitam da condição assistencialista do Estado, enquanto regulador do poder, pois estas zonas são destinadas ao programa de habitação social, onde a população locada é constituída de baixo poder aquisitivo.

Entre os migrantes, residentes nas 43 áreas da cidade de Boa Vista, os que se destacam pelo número são os nordestinos, com um total de 18.617 chefes de família. Mesmo que do total de migrantes sejam subtraídos os maranhenses, os nordestinos ainda possuem relevante realce no que diz respeito à quantidade, com 6.159 chefes de família (exceto maranhense), perdendo apenas para os nortistas, que perfazem um total de 8.328 chefes de família economicamente ativos (Gráfico 2).

Este fluxo interno é motivado principalmente pelo capitalismo que, ao gerar trabalhadores excedentes, separados de seus meios de existência, cria a necessidade de deslocamentos em busca do trabalho, temporariamente ou não. A disponibilidade de tais trabalhadores, como reserva de mercado, nos mais diversos pontos do território, torna-se, por sua vez, condição necessária para a própria existência da acumulação do capital, ocorrendo o deslocamento para regiões que serão impulsionadas economicamente.

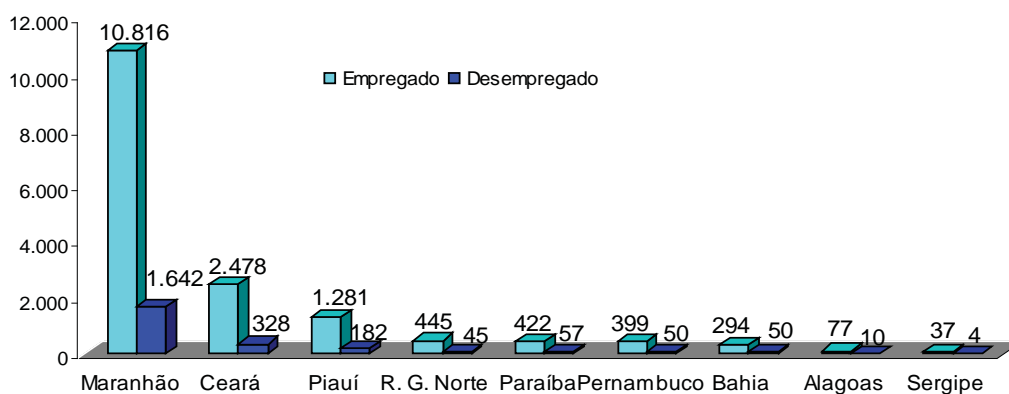
Gráfico 2 - Migrantes chefes de família economicamente ativos residentes em Boa Vista: por regiões



Fonte: Vale, 2007, 216 f.

Segundo a Secretaria Municipal de Gestão Participativa e Cidadania da Prefeitura Municipal de Boa Vista (BOA VISTA, 2003), no que diz respeito aos chefes de família nordestinos que se deslocaram para área urbana de Boa Vista, pelos dados fornecidos, percebe-se que essa ascensão econômica tão almejada é conseguida por 85,5% dos nordestinos, com um índice de desemprego de apenas 14,5%, portanto, dos 18.617 nordestinos identificados na pesquisa, apenas 2.368 estão desempregados, portanto excluídos do mercado de trabalho (Gráfico 3).

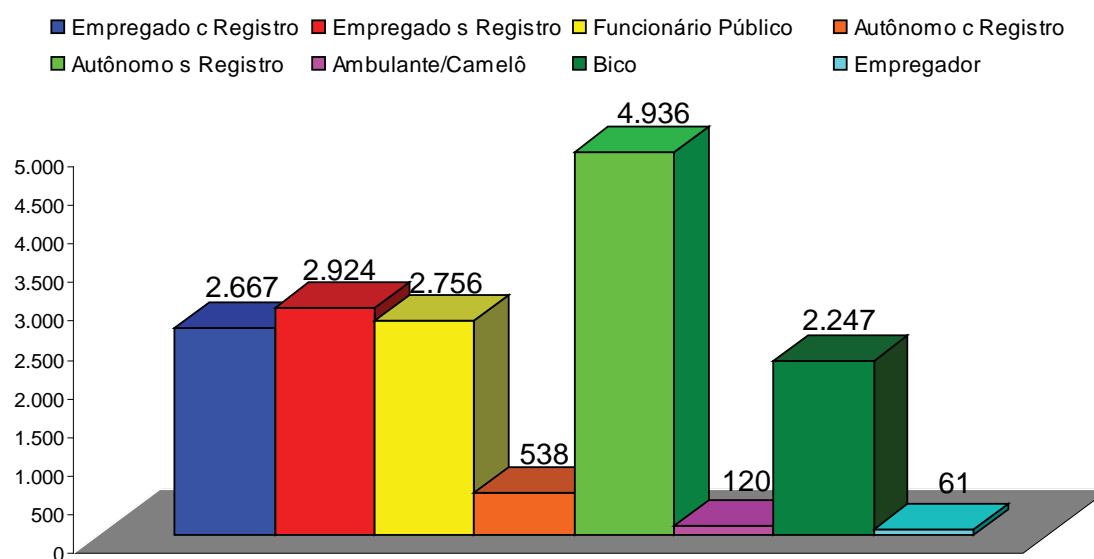
Gráfico 3 - Chefes de família nordestinos economicamente ativos residentes em Boa Vista: desemprego



Fonte: Vale, 2007, 217 f.

Os nordestinos que não se encontram inseridos no mercado de trabalho em Boa Vista ficam destinados aos subempregos. São 10.227 chefes de família nordestinos, que se encontram nesta situação, desprovidos dos benefícios que lhes assegurariam estabilidade futura que lhes dariam direito à cidadania. Entre os que possuem cadastros estão os empregados e autônomos com registro e funcionários públicos, que junto perfazem um total de 5.961 chefes de família nordestinos (Gráfico 4).

Gráfico 4 - Chefes de família nordestinos economicamente ativos residentes em Boa Vista inseridos no mercado de trabalho: total por categorias



Fonte: Vale, 2007, 218 f.

No que diz respeito aos 61 empregadores nordestinos, identificados pela pesquisa, nas áreas analisadas, são pequenos empresários do setor terciário ligados ao comércio, em sua maioria, empregadores da própria família e/ou conta própria.

Como o número de maranhense (6.299 chefes de família) supera o restante dos nordestinos (6.159 chefes de família) identificados na pesquisa, este se destaca em todas as atividades. Analisando os demais nordestinos, a atividade de maior expressividade entre os cearenses, piauienses, sergipanos, alagoanos e baianos é autônoma sem registros, enquanto que os paraibanos e pernambucanos se diferenciam através da categoria funcionário público.

Essa dinâmica nos estados de Pernambuco e Paraíba pode ser analisada a partir do recrutamento feito pelo governo de Roraima, no início dos anos de 1990, nas

universidades públicas desse dois estados, onde eram convidados recém-formados a fazerem parte do quadro de funcionários públicos do estado, assegurando-lhes moradia e cesta básica por um período de três meses, até a devida contratação e recebimento do salário. É relevante a concentração dos maranhenses e cearenses chefes de família na categoria empregador e dos paraibanos e pernambucanos na categoria funcionários públicos (Quadro 2).

Quadro 2 - Chefes de família nordestinos economicamente ativos residente em Boa Vista inseridos no mercado de trabalho: total por categorias/naturalidade

<i>Estados</i>	<i>Empregado c Registro</i>	<i>Empregado s Registro</i>	<i>Funcionário Público</i>	<i>Autônomo c Registro</i>	<i>Autônomo s Registro</i>	<i>Ambulante Camelô</i>	<i>Bico</i>	Empregador
Maranhão	1.849	2.043	1.608	291	3.271	72	1.654	28
Ceará	345	393	507	125	783	25	283	17
Piauí	195	222	221	50	404	15	170	4
R G Norte	81	67	99	25	127	3	40	3
Paraíba	63	62	127	18	112	1	33	6
Pernambuco	64	69	119	18	97	1	31	0
Bahia	43	55	52	7	108	3	24	2
Alagoas	17	7	17	3	23	0	10	0
Sergipe	10	6	6	1	11	0	2	1
Total	2.667	2.924	2.756	538	4.936	120	2.247	61

Fonte: Vale, 2007, 219 f.

Os nordestinos se encontram em todos os bairros da cidade de Boa Vista, indistintamente, independente dos dados levantados, onde estes impõem sua territorialidade e transformam o espaço, dando lhes novas paisagens e configurações. Em cada bairro, pode-se perceber a predominância de um determinado grupo: Bairro Asa Branca (ocupado em 1982): cearenses; no Bairro Pricumã (ocupado em 1982): pernambucanos e paraibanos; nos Bairros Tancredo Neves e Caimbé (ocupados respectivamente em 1985 e 1987): alagoanos; no Bairro Sílvio Leite (ocupado em 1986): potiguares; no Bairro Sílvio Botelho: (ocupado em 1993) sergipanos; no Bairro Cinturão Verde (ocupado em 1995): baianos e no Bairro Hélio Campos (ocupado em 1995) maranhenses e piauienses.

Nesta configuração, evidencia-se a concentração de migrantes conterrâneos, em redes que se articulam, se interagem, criando interfases entre circulação e comunicação, que tem o controle, o poder, também subjetivo, que cria e se apropria do território, manifestando a dinâmica e suas estratégias territoriais.

Entre o Nordeste e Roraima, existem as chamadas “redes de interação social”, através das quais as informações e o “sistema de apoio inicial” acontecem. O uso desses meios se intensifica entre os nordestinos, com o apoio daqueles que galgaram posições de relevância na vida econômica e/ou política da capital ou do estado. Cada vez mais, Roraima é ‘morada de nordestino’.

Observa-se habitualmente que os migrantes avançam, ao longo de rotas bem definidas, em direção a destinos sumamente específicos. Em parte, deve-se isto ao fato de que as oportunidades tendem a ser localizadas e, em parte, ao fato de que os migrantes, via de regra, seguem as tais rotas mediadas por fluxos de conhecimentos dos locais de destino para os de origem. O fato dos primeiros migrantes ter superado uma série de obstáculos diminui a dificuldade do deslocamento para aqueles que lhes seguem, criando-se, na realidade, sendas, oportunidades intervenientes, pontes.

4 Paisagem Urbana Reproduzida: território de nordestino

As práticas sócio-espaciais definem os conteúdos e imagens de cada parcela do território urbano e as multiterritorialidades praticadas pelos sujeitos tomam forma, dispostas nos arranjos urbanos e resultam em estruturas sobrepostas no tempo, com identidades multivariadas que refletem diretamente nos modelos urbanos (num movimento contínuo que vem a ser materializado no espaço em qualquer tempo dado, de tal modo que padrões observáveis de organização sócio-espacial são formas fenomenais) o hibridismo desse sujeito produtor de espaço.

Os traços distintivos da morfologia espacial estão dialeticamente relacionados com as mudanças estruturais na organização social, um procede em interação com o outro, muito mais do que através de algum elo positivista entre causa social e efeito espacial.

As formas que emergem no processo imobiliário, e aí entram as imagens que retratam a Região Nordeste, não são produtos inexoráveis do destino, são produtos sociais abertos a um redirecionamento esclarecido e a um propósito ‘benéfico’ social (inclusão subjetiva do migrante no espaço) por meio da produção espacial, que tem como conseqüência a forma visual, aquela que deslumbra o sujeito, que o espaço assume e que não é necessariamente a mesma do lugar de origem, mas a maneira como é identificada reflete o que ideologicamente a subjetividade do nordestino identifica.

O território, como espaço produzido, a partir das imagens estabelecidas pelos migrantes oriundos da Região Nordeste é algo admirável. Por onde passa o nordestino deixa sua marca estampada de forma objetiva ou subjetiva, e não poderia deixar de ser diferente em Boa Vista, onde socialmente esse consegue expressar na paisa-

gem a identidade que diz conservar, mesmo que essa já hibridizada (não entendida como tal pelo sujeito, que resiste na ideologia da preservação identitária nata).

Os sujeitos são condicionados a demandar espaços de lealdade que constituem extensões do seu corpo. Para o nordestino, o território toma forma e se expande até seu corpo, com um argumento simples: ‘onde quer que o nordestino esteja esse se encontra no Nordeste’. Aqui - longe do argumento romântico de que sangue, terra, língua e talvez raça sejam as fundações isomórficas do sentimento de nacionalidade - há o argumento especificamente invertido de que a exclusão social gera o território com similitudes.

Assim, o sentimento nordestino cria seu espaço, ao invés de ser seu produto. Esta inversão é uma patologia possível, mas não necessária, da diáspora, porque envolve um processo de reterritorialização que antecede o processo de desterritorialização. Trata-se mais exatamente da patologia do identitário territorial provocada pela especificidade histórica da exclusão, pela história particular da colonização do Nordeste do Brasil.

A divulgação da cultura nordestina em Boa Vista, não fica apenas no olhar, nas imagens que lembram o nordeste, está presente nos eventos promovidos por grupos culturais que tentam manter tradições nordestinas no território nortista, em associações comunitárias de bairros, em grupos de teatros que retratam em suas histórias a vida do nordestino, nas músicas compostas e cantadas por migrantes nordestinos, nos restaurantes que tentam territorializar a culinária nordestina.

O nordestino encontrou na dramaturgia a expressão mais direta de transmitir a informação desejada. A formação de um grupo de teatro, acompanhado por uma banda de ‘fórró pé-de-serra’ (expressão usada para identificar o fórró mais tradicional do Nordeste, aquele que é constituído por uma sanfona, um triângulo e um bumbo), com sanfona, triângulo e pandeiro é uma dessas expressões. O grupo se apresenta no interior e nos bairros da cidade de Boa Vista, retratando a própria realidade vivida pelos nordestinos de Roraima, retratando o agricultor com as dificuldades de infraestrutura para escoar o que foi produzido, para a cidade; a mulher sertaneja com seu machado nas costas lutando pela sobrevivência e buscando alcançar o sonho de uma terra acolhedora; os filhos que buscam a educação, enfim, retratando características indenitárias do nordestino de um sujeito que luta contra as adversidades, e permeia num fluxo contínuo em busca de qualidade de vida, de ascensão econômica, de um espaço.

Grupos tentam manter as tradições culturais do Nordeste brasileiro em Roraima, pode-se exemplificar a Associação de Dança Cangaceiros Ciranda do Thian-

guá, que além de divulgarem a cultura nordestina através da dança desenvolvem um trabalho social reconhecido por toda a comunidade que reside em Boa Vista. Está registrada, legalizada e é uma associação que representa Roraima em competições na Região Norte, com dois grupos de dança ‘Mulheres Rendeiras’ e ‘Quadrilha Cangaceiros do Thianguá’.

A territorialidade também é imposta através da música nordestina com cantores que a divulgam em shows e gravações, como o cantor, compositor e locutor Jataí, que nasceu na Paraíba. Em 1994 veio para Roraima como cinegrafista na TV Macuxi e depois como locutor da Radio Folha de Boa Vista, que na intenção de desenvolver o lado musical divulga seu perfil carregado num sotaque forte que, segundo o mesmo, diz ser o motor da audiência do programa.

Jataí ressalta o respeito que o roraimense tem para com as pessoas independente da profissão e fala das letras que escreve e musicaliza com uma miscigenação do nordestino que canta as belezas de Roraima, misturadas às belezas nordestinas.

Durante a semana faço um som normal e na sexta feira é pra nordestino e pra quem também simpatiza com trabalho dos nordestinos como Luis Gonzaga, Flávio José. Tem Eliakin cantando, ‘eu tenho o pé do Ceará, o meu avô era de lá’. Tem também o pessoal do Xaxado da Paraíba, que é um grupo que está também fazendo sucesso aqui. (...) Eu gostaria ao longo desse tempo, conviver sempre aqui tentando uma identidade própria para o Roraima musical, assim como caxiri na cuxa. A influência de pessoas de outros estados é muito grande, de modo que fica difícil a identidade própria.

Na declaração de Jataí, fica claro o quanto a cultura roraimense está influenciada pela identidade nordestina, e que esta, como todas se encontram numa constante, onde os sujeitos que compõem o território impõem identidades formando uma nova e híbrida cultura.

A culinária nordestina também está presente em Boa Vista, trata-se de restaurantes exclusivamente de comida nordestina e com caracteres que lembram a cultura. Os restaurantes “O Cangaceiro” e “Maria Bonita” são exemplos que ilustram a territorialidade imposta na paisagem, que desperta a subjetividade de uma comunidade composta em grande parte por nordestinos. Segundo a proprietária do Restaurante ‘O Cangaceiro’, as dificuldades são enfrentadas e vencidas pelos migrantes.

A ideia de ser restaurante nordestino foi porque (...) aqui em Boa Vista tem tanto nordestino (...) a maior população de Boa Vista é nordestino (...) a maioria da clientela é nordestino, mas todo mundo gosta da comida nordestina (...). Tentamos programar um cardápio fazendo pelo dia da semana, mas aqui em Boa Vista é muito difícil. Os fornecedores falham na entrega. Tenho um fornecedor lá na feira do produtor (...) ele é dono do Açougue

Iracema é um nordestino daquele bem nordestino mesmo! A gente compra lá dele sempre carneiro, buchada (...). No nosso cardápio temos sempre carneiro, todo dia temos a farofa de cuscuz, a carne seca com a abóbora, a macaxeira, essas coisas básicas; arroz tipo maria isabel, baião de dois, de vez em quando temos sarapatel (sangue de porco). (...) À noite tentamos atender o nordestino do litoral, o que a gente tem é o caranguejo, mas só o filé do caranguejo. Arroz com caranguejo, risoto de caranguejo e camarão grelhado, tudo de mariscos.

Enfim, a territorialidade social é bastante expressiva em Boa Vista, com uma cultura que em qualquer das formas em que se apresenta, transforma-se em um elo condizente do migrante ao seu meio ambiente ainda que subjetivamente.

Nas mais diversas formas de como essa territorialidade se manifesta, seja no teatro, na música, na culinária, na paisagem urbana, no forte sotaque, há uma representação identitária reproduzindo o espaço, e este por sua vez oferece conforto aqueles que sonham com uma estabilidade e não se amedrontam com as adversidades. Contudo não desprezam as origens, mesmo que estas representam instabilidade, sempre percebendo que na fraternidade do lugar de origem, como numa casa materna, que movida pela angústia da busca inconstante do filho pela sobrevivência não abandona o berço, o território primeiro.

Neste movimento constante em que a própria vida cotidiana se reproduz, sempre haverá novas territorializações dos espaços. É nato do sujeito humano, não importando a origem, sempre carregar consigo as culturas acumuladas e tentar de forma direta ou indireta demarcar fronteiras. Na sociedade moderna, os sujeitos são e estão multiterritorializados, desde a influência transmitida por meio da mídia até aquelas adquiridas nas ‘andanças’ movidas pelo capital.

Considerações Finais

Esta pesquisa apoiou-se numa revisão dos estudos sobre território, sua variante (multiterritorialidade) e migração, que desenharam um novo panorama econômico e cultural no território. A migração como ‘agente’ do processo redimensiona o território, com mudanças nas dimensões de forma simultânea num processo constante, gerando práticas relativas à contenção, geração, estímulo, direcionamento, ordenamento e acompanhamento de deslocamentos espaciais de trabalhadores, passando a ser vista, dentro de uma perspectiva histórico-estrutural, pelo aspecto econômico, relacionando-a com outros aspectos macrosociais.

A mobilidade que ocorre entre Nordeste e Roraima é antes de tudo movida pela força de trabalho, onde a acumulação de capital como relação social se configura em condições estruturais, da qual emerge essa mobilidade, produzindo um papel determinante no espaço roraimense, neste caso, fortemente marcado pela presença de nordestinos no conjunto de migrantes.

Portanto, a frequência e o volume da mobilidade existente entre Nordeste e Roraima, revelam a extensão de redes sociais, onde os migrantes passam a viver em Boa Vista numa perspectiva de mudança de sua trajetória, ao mesmo tempo em que cria novos espaços (expansão urbana), reproduz espaços existentes, dando novas configurações no contexto social, através de uma rede formada entre a população nordestina e roraimense, dando ao nordestino o controle *no* espaço e apropriação do território boa-vistense com fatores sociais integrados se destacando na economia e principalmente nos vários setores culturais da sociedade.

Há uma dinâmica simbólica ou “vívida” no território, com uma participação concreta do nordestino, mantendo relações de poder, em determinadas áreas de Boa Vista, onde se pode perceber a riqueza das múltiplas territorialidades em que o migrante e toda a sociedade estão mergulhados. Esta multiterritorialidade confirma a hibridização do sujeito, enquanto migrante, reproduzindo o espaço, territorializando sua dimensão funcional e simbólica, numa tendência que cresce sob a fluidez e heterogeneidade, e cujo processo de produção do espaço roraimense ocorre de maneira integral.

Qualquer análise de identidade/territorialidade do nordestino passa por implicações econômicas e culturais, e revela a construção de uma identidade para a sociedade roraimense, onde identidades se justapõem, resultando numa multiterritorialidade própria, ainda trabalhada, não definida, vendo que esse processo ainda está por acabar, pois a ocupação total da área ainda está por acontecer.

Sob a luz da subjetividade, o território roraimense é um lugar com dimensões (que vão do físico ao mental, do social ao psicológico, em escalas diversas) em que há uma acoplagem, dinâmica, que faz de Roraima um lugar, onde a memória dos fenômenos culturais nordestinos se expressa no espaço produzido, modificando e sugerindo um território particular onde o nordestino individual ou coletivo (Centro de Tradições Nordestinas e Associação de Dança Cangaceiros Ciranda do Thianguá), se exprime transformando Roraima simbólica e concretamente.

Enfim, o nordestino em maior número maranhense, cearense e piauiense, se encontram em todos os setores econômicos da sociedade (a variabilidade está diretamente ligada ao nível de escolaridade), responsáveis pela formação de uma multiter-

ritorialidade e novas formas de concepção do uso e do processo de domínio do território (econômico, político e cultural), em Roraima, principalmente na área urbana de Boa Vista absorvida pela população expressa na paisagem urbana (em nome de estabelecimentos comerciais, bairros, grupos folclóricos, de pessoas), havendo dessa forma uma multiterritorialização do espaço roraimense, que se modifica no mesmo instante que conserva a influência de um povo simples, de valores tradicionais do lugar de origem.

Configuram-se, principalmente a partir de 1980, no extremo norte do país, mais uma ocupação de fronteira agrícola, incentivada e direcionada pelo Estado, enquanto poder de tramas nacionais, contudo diferenciada, pela acessibilidade de uma sociedade moderna inserida na diversidade dos meios de comunicações, que se populariza e facilita as redes sociais. É a rede social, formada pelo nordestino, através da migração intra-regional (entre os migrantes que se encontra em Roraima) e inter-regional (migrantes nordestinos de Roraima com os parentes que ainda se encontram na região de origem) o motor diferencial do fluxo ora analisado que contribui, mais uma vez nas pesquisas que formam a dinâmica histórica do país.

O inovador não está no nordestino e sim no redirecionamento da rota, na forma, intensidade e na intencionalidade como ela se desenrola, no novo fator histórico que se desenha em âmbito nacional em que as dinâmicas sociais (econômica, social e cultural) objetivas e subjetivas, de forma integradora e instantânea moldam novas características e articulam novo contexto na dinâmica nacional.

Referências Bibliográficas

BARROS, N. C. de C. A reconversão do 'Eldorado' pela expansão dos serviços das frentes agro-minerais às frentes ecoturísticas na bacia do rio Branco, Roraima, Brasil. Boa Vista. In: Vasconcelos; F. P. (Org.).

Turismo e meio ambiente. Fortaleza: UECE, v.3. 1998, p. 109-137.

BOA VISTA. Prefeitura Municipal de Boa Vista. Secretaria Municipal de Gestão Participativa e Cidadania. Pesquisa Qualitativa com Lideranças dos Bairros de Boa Vista. *Relatório*. 2001, 120 f.

_____. Prefeitura Municipal de Boa Vista. Secretaria Municipal de Gestão Participativa e Cidadania. Programa Braços Abertos. Dados Socioeconômicos da População de Boa Vista. *Relatório*. 2003, 30f.

FECOR. INSTITUTO FECOR DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO. Federação do Comércio do Estado de Roraima. *Censo Cadastro 2000*. Empresas comerciais e prestadoras de serviços de Boa Vista. Boa Vista: IFPD/SENAC/SESC FECOMERCIO-RR, 2000, 20 f.

HAESBAERT, R. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. In: *I Seminário Nacional Sobre Multi-*

plas Territorialidades, 2004, Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS; ULBRA; AGB, 25 f, 2004a (no prelo).
_____. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Beltrand Brasil, 2004b, 400p.

LACOSTE, Y. *A Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Campinas: Papirus, 1998.

MASSEY, D. The social organization of migration. *Return to Aztlan* – the social process of international migration from Western Mexico, Berkeley, University of California Press. 1990, p. 139-171.

VALE, A. L. F. Imigração de nordestinos para Roraima. In: Estudos Avançados. Dossiê Migração. v. 20, n. 57, ago. 2006, p. 255-261. ISSN 0103-4014.

_____. *Migração e territorialização: as dinâmicas territoriais dos nordestinos em Boa Vista/RR*. 2007. 293f. Tese (Doutorado em Geografia) Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

_____. *Multiterritorialidade e migração em área de fronteira*. In: RODRIGUES, F. S.; PEREIRA, M. C. (Org.) *Estudos transdisciplinares na Amazônia Setentrional: fronteiras, migração e políticas públicas*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2012, p. 102-127.